



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17878 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

Os saberes desenvolvidos na relação entre pesquisadores e movimentos sociais

Mauricio Antunes Tavares - Fundação Joaquim Nabuco

## Introdução

O projeto de iniciação científica denominado, “As relações entre pesquisadores e militantes de movimentos sociais na pesquisa-ação: contribuições para pensar a decolonialidade” está inserido dentro do projeto “Comunidades Educativas: estudos dos modos de ensinar e aprender o *Saberfazer*”. O ponto de intersecção entre o projeto de iniciação e o projeto de pesquisa que o abriga se dá no entendimento de que movimentos sociais, como também outras formas de coletivos, institucionalizados (como ONGs, por exemplo), ou não (coletivos de arte, por exemplo), por vezes formados por esforço coletivo, ou simplesmente pelo acaso que leva as pessoas a se entrelaçarem a partir de algo em comum – comunidades de moradia, de práticas, entre outras –, todos esses coletivos de atuação formam o que chamamos de comunidades educativas, que nos estudos de Mauricio Antunes Tavares e Rui Mesquita (2019, 2022), adquirem 'forma coletiva, processual e relacional, ou seja, percebemos “comunidade” como algo que – mais ou menos inserida em tradições específicas – traz já consigo as marcas da heterogeneidade e do interdiscurso" (Antunes e Mesquita, 2022, p. 54).

O projeto aqui em questão, de iniciação científica, procurou investigar as relações entre pesquisadores e movimentos sociais, na perspectiva de que essas relações podem ser construídas de maneira a promover um aprendizado mútuo entre os sujeitos envolvidos. Como campo empírico da pesquisa tomamos as experiências de ensino da disciplina Movimentos Sociais, Identidades e Cidania Interculturais (MSICI) do Programa de Pós-graduação em Educação, Culturas e Identidades (PPGECI) durante o ano de 2024.

Para poder problematizar essas relações foi necessário traçar quatro objetivos: (I) a revisão bibliográfica dos estudos que versam sobre a relação entre movimentos sociais e academia, especificamente na literatura sobre Educação Popular, pesquisa-ação e pesquisa-participante; (II) o acompanhamento do trabalho de campo desenvolvido na disciplina MSICI; (III) análise dos trabalhos desenvolvidos pelos estudantes da referida disciplina

publicados no blog [www.movimentossociaiseduca.org](http://www.movimentossociaiseduca.org); (IV) a realização entrevistas com sujeitos que participam/participaram nas referidas experiências.

A disciplina que nos proporcionou o desenvolvimento da pesquisa de campo se baseia em metodologias ativas, onde os estudantes não apenas absorvem teorias, mas aplicam-nas em situações reais, trabalhando em estreita colaboração com movimentos sociais que enfrentam desafios concretos em suas comunidades. Esse modelo educativo fortalece as capacidades tanto dos pesquisadores quanto dos movimentos sociais envolvidos, criando um espaço de aprendizado contínuo e coletivo. As pesquisas são realizadas de maneira colaborativa e em constante diálogo, incentivando a construção de conhecimento de forma compartilhada e adaptada às necessidades e realidades dos movimentos.

### **Discussão teórica**

Não são poucas as vozes que se levantam fora e dentro da academia para denunciar o monoepistemologismo do qual o sistema escolar-acadêmico faz parte. A partir das perspectivas da Educação Popular, desde Paulo Freire, passando pelos trabalhos de Carlos Rodrigues Brandão, ou pelas contribuições advindas dos e das intelectuais que atuam na Educação do Campo, ou ainda nas perspectivas de autores como Muniz Sodré, José Jorge de Carvalho e tantas outras vozes, conhecemos que o sistema escolar-acadêmico exerce um poder de hierarquia social quanto à questão da produção e circulação de conhecimentos, a partir do estatuto social da ciência ocidental como a única instituição socialmente legitimada como produtora de conhecimentos verdadeiros sobre um mundo que, por ação desta mesma, é um mundo desencantado, como afirma Bourdieu. Assim é que a racionalidade científica ocidental ascendeu, no mundo moderno, como superior a outras formas de construir conhecimentos.

Essa perspectiva molda a formação acadêmica, particularmente no Brasil, onde o ensino e a pesquisa são amplamente influenciados por teorias e modelos ocidentais. Essa abordagem monoepistemológica, centrada na racionalidade técnico-científica, marginaliza outras formas de conhecimento e nos faz questionar a veracidade presente em muitos dos conhecimentos populares. O pesquisador, ou pesquisadora, ao entrar em contato com os saberes populares - a experiência de imersão no campo - dispõe de oportunidades de aprendizado que transcendem os limites da academia. Na pesquisa, especialmente quando o campo empírico se dá junto a comunidades populares, abrem-se oportunidades de se engajar em um processo de troca mútua, onde o conhecimento é co-construído junto às comunidades. Essa experiência prática revela a importância de reconhecer o valor da subjetividade e da individualidade de cada participante, transformando-os de objetos de estudo em co-autores da pesquisa.

O trabalho de campo permite uma compreensão mais profunda das estruturas sociais e dos modos como elas influenciam as ações e identidades dos indivíduos. Nesse contexto, a pesquisa participante, como demonstrado por Brandão (2007), Fals-Borda (2010), Thiollent (1999) oferece uma metodologia que integra teoria e prática, ampliando o olhar do pesquisador para além dos limites tradicionais da racionalidade científica ocidental, criando assim um olhar crítico de como a sociedade classifica os saberes e sufoca as diferenças.

Partindo da perspectiva de que o sistema acadêmico ocidental cria hierarquias entre os múltiplos saberes, Canclini (2009) nos desafia a repensar a forma como entendemos as diferenças culturais, alertando para o risco de confundir essas diferenças com desigualdades que precisam ser erradicadas. Historicamente, a sociedade ocidental tem tentado minimizar as diferenças ao identificá-las como desigualdades a serem superadas, o que muitas vezes resulta na redução das identidades culturais. A perspectiva de Canclini, apoiada pelas análises de Bourdieu, nos mostra que as práticas culturais e os gostos, longe de serem meras expressões individuais, são profundamente moldados pelas estruturas sociais e econômicas em que estamos inseridos.

A perspectiva científicista ocidental perpetuou a concepção de que os conhecimentos populares requerem uma fundamentação complexa para abarcar as facetas presentes na sociedade, especialmente no contexto de uma globalização acelerada. Essa visão não apenas se enraizou dentro dos muros acadêmicos, mas também permeou profundamente todas as esferas sociais. Assim, a visão dominante na academia e na sociedade é que apenas os conhecimentos que se alinham com a racionalidade científica ocidental possuem valor real. Isso não só marginaliza outros saberes, mas também perpetua a crença de que somente através do acúmulo de capital econômico é possível integrar-se plenamente na sociedade.

Muitas dessas perspectivas ocidentais de desenvolvimento são alimentadas por essa racionalidade que ignora as múltiplas formas de conhecimento que as comunidades educativas possuem. A conclusão a que se chega é que a verdadeira aceitação da diversidade implica não apenas tolerar as diferenças, mas reconhecê-las como componentes vitais da identidade social. Em vez de tentar apagar essas diferenças em nome de uma falsa igualdade, devemos aprender a valorizar a pluralidade de perspectivas e práticas que enriquecem nossas sociedades. Só assim poderemos construir um futuro onde a inclusão não signifique uniformidade, mas sim a celebração das múltiplas identidades que compõem o tecido social.

Tendo em vista como os múltiplos saberes podem nos influenciar, o sistema acadêmico incentiva o pesquisador a manter a neutralidade na pesquisa, contudo é importante ter em mente que estar em contato com o outro nos afeta de várias formas diferentes, principalmente quando adentramos na realidade do outro para evidenciar como as múltiplas formas de conhecimento presentes na sociedade podem contribuir para uma melhor forma de organização social.

E é exatamente nesse ponto que a experiência faz toda a diferença. Na experiência, conhecer, viver, sentir perceber tornam-se elementos

indissociáveis na produção do saber. Conhecer não basta. Identificar, diferenciar, reconhecer e todos os verbos que “aprendemos” a utilizar para pré-fabricar nossos “objetivos” não bastam. É preciso sentir. É preciso ser afetado pela vida do outro, pela narrativa do outro, pela experiência do outro. (Serpa, 2018, pg. 102)

As interações desenvolvidas a partir dessa relação possuem várias facetas que nos influenciam e afetam, mesmo no dia a dia partindo de uma conversa, as pequenas ações presentes no cotidiano podem mudar nossas perspectivas e influenciar nossos saberes. Em uma conversa podemos conhecer o outro sem criar expectativas de quais seriam as respostas ou assuntos que ele deveria ou que você queria que ele abordasse, é nesses momentos que podemos conhecer muito mais do que imaginamos. Pensando nisso, o pesquisador precisa estar aberto para vivenciar experiências que vão além do que a academia descreve como correto, é necessário ter em mente que é nas pequenas ações do dia-a-dia que muitas das sabedorias ancestrais são compartilhadas e que apenas observar e racionalizar essas experiências não é o suficiente, é necessário viver e se entregar, estar presente e atento aos detalhes que a vida cotidiana esconde.

Pensando em uma forma de legitimar e evidenciar as sabedorias escondidas na rotina dentro do mundo acadêmico, a sistematização de experiências promoveu a transformação de práticas cotidianas em conhecimento teórico, permitindo aos profissionais desenvolver abordagens que refletissem as diferenças específicas das comunidades. Com o passar do tempo essa metodologia evoluiu para um método fundamental na Educação Popular e em diversas áreas da pesquisa social, possibilitando a documentação e a análise crítica das intervenções de campo, ajudando a integrar teoria e prática e valorizando os saberes populares. A metodologia de Pesquisa-Ação-Participativa, proposta por Orlando Fals Borda (2010) exemplifica como os movimentos sociais podem influenciar a pesquisa ao promover a participação ativa das comunidades na análise de suas próprias realidades.

A interação entre pesquisadores acadêmicos e movimentos sociais cria uma relação baseada em conhecimento mútuo, partindo da perspectiva de que os coletivos e grupos sociais são detentores de saber popular e que portanto devem ser protagonistas de suas próprias vivências. Paulo Freire trouxe uma nova perspectiva para a educação, enfatizando a participação ativa dos educandos e a transformação social. Essa abordagem foi enriquecida pela sistematização e pela pesquisa participativa, destacando a importância de construir conhecimento a partir das experiências vividas pelas comunidades e movimentos sociais, tendo em vista que cada grupo possui suas especificidades e formas educativas que lhes são próprias. Esses métodos visam capacitar as comunidades a transformar seus próprios cenários sociais, promovendo um conhecimento mais compartilhado e sensível às necessidades e saberes locais, colocando os agentes sociais como protagonistas de suas próprias vidas e os auxiliando a manter sua existência e permanência de forma autônoma.

### **Experiências e conclusões**

Tendo em vista como essas metodologias são de grande importância tanto para a

existência e continuidade de muitos coletivos e movimentos sociais, como também uma grande fonte de conhecimento onde os discentes podem conviver e aprender junto com quem vive na prática as desvantagens sociais. Os docentes da disciplina MSICI do PPGECI buscaram compartilhar essas experiências desenvolvidas durante os períodos letivos, no blog “Movimentos Sociais, Educação e Identidades”, para que além da comunidade acadêmica, outros movimentos sociais, grupos e a população em geral possam ter acesso a pesquisas.

Embora todos os temas abordados nas publicações do blog Movimentos Sociais, Educação e Identidades seja de extrema relevância e mereça uma análise mais aprofundada, as limitações deste trabalho não permitem explorar todos trabalhos desenvolvidos, portanto nossa atenção será voltada para os trabalhos realizados em 2023, período que corresponde a realização desse subprojeto e de sua pesquisa de campo com os grupos estabelecidos na disciplina e os respectivos movimentos sociais de cada grupo.

O primeiro grupo a realizar sua pesquisa, foi o grupo de pesquisa sobre o movimento negro nas artes cênicas de Pernambuco, eles optaram por promover uma roda de diálogos que reuniu intelectuais, artistas e coletivos envolvidos com a memória do teatro e das múltiplas expressões que as artes cênicas abordam, essa roda demonstrou a importância da troca mútua de conhecimentos e experiências entre os participantes. Ao integrar a teoria e a vivência prática, a pesquisa se distancia da perspectiva que marginaliza outros saberes e avança para uma abordagem mais inclusiva e diversa, reconhecendo e celebrando as múltiplas formas de conhecimento presentes na sociedade para além da comunidade acadêmica.

Os pesquisadores buscaram compreender as trajetórias dos grupos culturais e defensores da pauta negra, analisando o desenvolvimento dos grupos em termos políticos, artísticos e culturais. A partir disso eles conseguiram analisar como as práticas artístico-culturais contribuem para a construção e disseminação do saber. Destacando a importância do desenvolvimento do saber social dentro dos contextos de atuação dos movimentos e coletivos.

A escolha de realizar duas rodas de diálogos permitiu explorar múltiplos eixos de discussão, refletindo a riqueza e a complexidade das questões abordadas. Os pesquisadores ao adentrar no movimento negro artístico de Pernambuco conseguiram demonstrar que as matrizes que esses grupos, coletivos e ativistas possuem epistemologias próprias que contribuem significativamente para a (re)educação da sociedade, preenchendo lacunas deixadas pelo Estado e promovendo uma reavaliação crítica das narrativas históricas predominantes, como o mito da democracia racial.

O segundo grupo que teve como foco de pesquisa a educação e cultura nos movimentos sociais indígenas, focou na IV Mostra Pankararu de Música, realizada em setembro de 2023, para realizar sua pesquisa, por esse motivo o grupo teve a distância como uma questão que demandou responsabilidades para cada pessoa do grupo de forma específica. A socialização dos saberes adquiridos por cada integrante do grupo foi um ponto essencial na

realização da pesquisa, principalmente a experiência da pesquisa de campo realizada durante o evento, com o tema “Afro-Indigenismo nas Artes e suas Confluências”, onde as metodologias discutidas nas aulas, especialmente no que diz respeito à valorização dos saberes tradicionais e à participação ativa das comunidades na construção do conhecimento se fizeram presente. Com base na relação criada durante a pesquisa é possível notar que os pesquisadores ao mesmo tempo que conseguem destacar a importância dos próprios membros da comunidade serem protagonistas na preservação e difusão de sua cultura, eles também conseguem integrar teoria e prática.

Ao envolver os participantes na criação e na vivência do evento, a Mostra exemplifica como a cultura pode ser uma ferramenta de resistência contra as imposições da ciência ocidental e do capitalismo, que muitas vezes desvalorizam os saberes e lógicas ancestrais. Para aprofundar as reflexões sobre essas questões, foi realizada a roda de diálogo final com a presença de lideranças indígenas, para que o grupo pudesse apresentar sua pesquisa e também para que os indivíduos que vivem isso na pele pudessem expor para além da pesquisa, sua perspectiva. O encontro destacou a necessidade de práticas educativas que respeitem e integrem as tradições e saberes dos povos originários, enfatizando a importância da arte e da cultura como ferramentas de resistência e preservação da identidade indígena.

O grupo no qual a bolsista pôde acompanhar mais de perto, tem como tema o movimento de bibliotecas comunitárias em Pernambuco. A relação entre os pesquisadores e esse movimento social revelou conhecimentos plurais e coletivos que existem dentro desse movimento e que também são alimentados pela disciplina. As bibliotecas comunitárias, como exemplificado pelos casos das bibliotecas Nasedouro e Caranguejo Tabaiães, ilustram como movimentos sociais podem desempenhar um papel crucial na promoção da leitura e no desenvolvimento local, desafiando a supremacia da racionalidade científica ocidental e oferecendo uma alternativa significativa para a construção de conhecimento que em parceria com os discentes pode perpetuar e desenvolver seus saberes.

As entrevistas realizadas com gestores e colaboradores das bibliotecas Nasedouro e Caranguejo Tabaiães mostraram como essas instituições são moldadas pela experiência prática e pelo envolvimento direto com a comunidade. A abordagem qualitativa e etnográfica da disciplina auxiliou os pesquisadores a compreender profundamente as motivações e desafios enfrentados por esse movimento, além de evidenciar como a mediação de leitura e a valorização da memória local como partes integrantes do trabalho dessas bibliotecas.

Essas pesquisas ressaltam a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e plural no campo acadêmico, que reconheça e valorize as contribuições dos movimentos sociais e das práticas culturais locais. Ao integrar saberes diversos e promover o diálogo entre diferentes epistemologias, é possível avançar para uma construção de conhecimento mais equitativa e representativa das múltiplas realidades presentes na sociedade.

O sub-projeto "As relações entre pesquisadores e militantes de movimentos sociais na

pesquisa-ação" nos proporcionou uma visão crítica sobre a integração entre saberes acadêmicos e populares, revelando a complexidade e a riqueza desse intercâmbio. Ao investigar a interação entre pesquisadores e movimentos sociais, ficou claro que a construção de conhecimento não deve se limitar à racionalidade científica ocidental dominante, mas deve abrir espaço para a valorização e o reconhecimento de saberes ancestrais e práticas culturais locais. O trabalho de campo demonstrou que a colaboração entre acadêmicos e comunidades pode promover uma aprendizagem recíproca e desafiadora, contribuindo para uma educação mais inclusiva e representativa.

### Referências bibliográficas

CANCLINI, N. Diferentes, desiguais e desconectados. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2009.

BRANDÃO, C. R.; BORGES, M. C. A pesquisa participante: um momento da educação popular. Revista de Educação Popular, Uberlândia, v.6, p. 51-62, jan./dez. 2007.

FALS-BORDA, Orlando. (2010 [ 2005]). Da pedagogia do oprimido à pesquisa participativa. Em D. Streck (ed.), Fontes da Pedagogia Latino-Americana: uma antologia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

\_\_\_\_\_. Pesquisa-ação, ciência e educação popular nos anos 90. Em D. Streck (ed.), Fontes da Pedagogia Latino-Americana: uma ontologia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SERPA, Andréa. Conversas: possibilidades de pesquisa com o cotidiano. In Tiago Ribeiro; Rafael de Souza e Carmem Sanches Sampaio (Orgs.), Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, pp. 93-118.

TAVARES, Mauricio Antunes; MESQUITA, Rui Gomes de M. Nós para atar e desatar: relações entre educação e cultura. Recife: Ed. UFPE, 2019.

\_\_\_\_\_. Comunidades Educativas como lugar metodológico da experiência na construção social do conhecimento. Reflexão E Ação, 30(3), 53-68. 2022. disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/17641>. Acesso em: 29 fev. 2024.

THIOLLENT, Michel. Notas para o debate sobre pesquisa-ação. In BRANDÃO, C. R. (Org.), Repensando a Pesquisa participante, São Paulo, Brasiliense, 1999, p. 82-102.

**Palavras-chave:** Movimentos Sociais; Comunidades; Pluriepistemologias.